

## UM BREVE OLHAR DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Talita Kelly Santos Bezerra<sup>1</sup>  
Carolina de Freitas Alves<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola pública do município de Fortaleza-CE, especificamente em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral da pesquisa foi verificar o desenvolvimento do processo de letramento e alfabetização em uma turma do ciclo de alfabetização. Como objetivos específicos, a pesquisa verificou as práticas alfabetizadoras e os recursos utilizados pela professora da turma, além de analisar a formação continuada dos professores alfabetizadores a partir do relato do docente e da coordenação. O trabalho aborda o processo de alfabetização, levando em consideração as características da educação básica brasileira e faz um paralelo com os dados coletados na turma pesquisada, de modo a apresentar os métodos de alfabetização, os materiais utilizados, além da leitura e da escrita. Ademais, a pesquisa verificou como acontece a formação continuada da professora da classe. Foi realizada uma pesquisa de campo caracterizada como qualitativa, já que possui caráter subjetivo e foram utilizados como ferramentas de coleta de dados a observação sistemática e a entrevista estruturada. Para dialogar com a pesquisa foram abordados autores como Ferreiro e Teberosky(1999), Morais(2012), além de Soares(2004), dentre outros. Os resultados apresentaram a utilização de métodos mistos para alfabetizar e letrar, além da utilização de materiais concretos para a apropriação de conteúdos, da leitura e da escrita. Quanto à formação continuada verificou-se que é ofertada, principalmente, pela editora do material didático utilizado, por interesse próprio do docente e de maneira precária pela Secretaria de Educação.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Letramento; Práticas; Recursos; Formação.

### INTRODUÇÃO

O acesso à educação básica é, historicamente, um processo complexo diante da conjuntura social brasileira. Diante disso, o Brasil é protagonista de uma longa história constituída por vários episódios de alternativas para a busca do melhoramento dos índices de

---

1 Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará-UFC, talitakelly@alu.ufc.br;

2 Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará-UFC, carolinafreitas155@gmail.com;

escolarização. Quando se fala sobre acesso à educação e o posterior sucesso, imagina-se prioritariamente na aquisição dos domínios sobre a língua escrita e a interpretação de textos, de modo a contemplar a leitura e a escrita e os conhecimentos básicos de cálculos. Em uma sociedade desigual como a brasileira, a universalização da educação básica, de modo especial, a alfabetização na idade certa constitui um caminho delicado no que concerne ao real objetivo de alfabetizar e letrar os indivíduos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 32, inciso I, estabelece como um dos objetivos principais da educação no Ensino Fundamental, a capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. A legislação, portanto, respalda o processo de apropriação do sistema alfabético e simultâneo a isso, o letramento. Verifica-se então, que o processo pedagógico para a alfabetização e o letramento dar-se concomitantemente, assim como defende Val (2006) que alfabetizar e letrar não são processos independentes, mas que deve-se alfabetizar letrando.

Diante do exposto, se fez necessário verificar como ocorre o processo de alfabetização e letramento, e se tal processo coaduna com a legislação vigente e com a teoria. Neste sentido, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada em uma escola da rede pública municipal de Fortaleza, especificamente em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, na qual buscou-se averiguar as práticas e os recursos utilizados pela professora para alfabetizar e letrar, assim como, a formação continuada dos professores que atuam nas turmas do ciclo de alfabetização, se esta é ofertada pela Secretaria de Educação ou se o professor busca individualmente a formação. Isso se justifica, porque há o intuito de compreender as especificidades do processo de alfabetização e letramento, tal como as práticas pedagógicas, os recursos que são utilizados nas séries iniciais, e a formação de professores alfabetizadores.

## **METODOLOGIA**

No que concerne à metodologia, a pesquisa é de cunho qualitativo, por ser subjetiva. Em relação aos instrumentos da coleta de dados, a observação sistemática e a entrevista estruturada são utilizadas nessa pesquisa. Acerca desses instrumentos, Marconi e Lakatos(2010) discorrem que a observação sistemática é planejada, e busca responder a objetivos preestabelecidos. Já a entrevista estruturada segue um roteiro de perguntas elaboradas previamente.

O lócus da pesquisa é uma escola de ensino fundamental do município de Fortaleza, especificamente em uma turma do segundo ano com um total de vinte e duas crianças matriculadas. Por motivo de confidencialidade, a escola não permitiu que fosse identificada na pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são a professora regente de uma turma do segundo ano, e a coordenadora pedagógica, ambas foram entrevistadas seguindo um roteiro de perguntas elaboradas. Neste contexto, o questionário elaborado para a professora regente continha quinze perguntas subjetivas, com o intuito de perceber as nuances do processo de alfabetização e letramento com um maior rigor. Em relação ao questionário elaborado para a coordenadora pedagógica, ele continha seis perguntas subjetivas para poder entender o suporte oferecido pela coordenação e por órgãos superiores. Posteriormente, realizou-se uma observação sistemática na sala de aula, essa observação tinha a finalidade de conhecer as atividades de alfabetização e letramento propostas pela professora regente. O tempo reservado para as observações foram de dois dias.

## **DESENVOLVIMENTO**

A alfabetização e o letramento ocorriam através de um ensino com uso de textos superficiais, e que não possuíam um significado social para as crianças. Conforme Soares(2004), a alfabetização escolar brasileira até os anos 80 caracterizava-se por métodos artificiais e distantes das práticas sociais de escrita e leitura. De acordo com Soares(2004,p.98) a criança tinha que: “ aprender a ler e a escrever, verbos nesta etapa considerados intransitivos, para só depois de vencida essa etapa atribuir complementos a esses verbos: ler textos, livros, escrever histórias, cartas, etc.”. Assim, presenciava-se nas classes alfabetizadoras, os professores em busca de receitas mágicas, de métodos que fizessem com que as crianças tivessem domínio do sistema de escrita alfabética.

Neste contexto, Ferreiro e Teberosky(1999,p.21) afirmam que: “conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos”. Assim, o ensino e aprendizagem eram realizados de forma mecanizada, os educadores seguiram receitas desconsiderando o aspecto social do processo de aquisição da escrita, e as crianças se viam obrigadas a reproduzir cópias e não refletiam sobre

sua própria escrita. Corroborando essa afirmativa, Coutinho(2005, p.47) relata que: “a concepção tradicional da alfabetização priorizava o domínio da técnica de escrever, não importando propriamente o conteúdo. Era comum as crianças terem de copiar escritos que não faziam para elas o menor sentido”.

Diante do exposto, se faz necessário entender os métodos que serviram de base para as discussões teóricas ao longo do tempo. Acerca disto, Ferreiro e Teberosky(1999,p.21) relatam que há dois tipos principais: “métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores”. Para Morais(2012, p.28), nos métodos sintéticos estão: “três correntes ou tipos de métodos principais: os alfabéticos, os silábicos e os fônicos. Todos pressupõem que o aprendiz deve partir de unidades linguísticas menores(letras, sílabas ou fonemas)”. Dentre os métodos sintéticos, Frade(2005) destaca que a sílaba é a principal unidade analisada no método silábico, já no método fônico temos o som como sendo a unidade principal.

Em relação aos métodos analíticos, Morais(2012, p, 29) relata que: “no grupo dos métodos analíticos, temos três tipos principais: a palavração, a sentencição e método global [...]. Propõem que, por razões de tipo perceptivo e motivacional, seria adequado começar com unidades maiores, que ‘têm um significado’(palavras, frases, histórias)”. Ademais, Coutinho(2005) menciona os métodos analíticos – sintéticos ou mistos, estes métodos se utilizam da análise e síntese das partes maiores e menores. Acerca dos métodos analíticos, destaca-se o método global, em que Morais(2012) relata que esse método tem como ponto de partida um texto simples para análise. Por conseguinte, frases e palavras contidas no texto seriam analisadas.

Conforme a teoria, os métodos sintéticos e métodos analíticos estão presentes nas classes alfabetizadoras. Nesse sentido, entende-se que no processo de alfabetização e letramento os métodos são necessários, mas eles não são receitas para serem seguidas de forma mecânica, pois aspectos que perpassam a criticidade dos conteúdos e as experiências de vida dos alunos devem ser considerados no ensino e na aprendizagem. Portanto, os professores alfabetizadores devem ter a compreensão de que existem especificidades na aprendizagem, há diferentes modos de perceber e aprender o sistema de escrita alfabética(SEA), bem como há diversos métodos para ensinar o SEA. Perante este contexto, o

fundamental é tornar o processo de alfabetização e letramento dotado de sentido para o aluno, ou seja, alfabetizar letrando.

Nessa perspectiva, Morais(2012,p.116) discorre acerca da necessidade de reinventar a alfabetização quando propõe que: “O casamento de práticas de leitura e produção de textos com práticas de reflexão sobre palavras, que temos defendido para se consolidar já na educação infantil, precisa ser mantido durante todo o ciclo de alfabetização no ensino fundamental”. Desse modo, as crianças devem participar de atividades que envolvam a produção de gêneros escritos e rodas de leitura, mesmo que não estejam alfabetizadas.

Conforme fora mencionado, a presença de gêneros escritos, ou seja, textuais, são fundamentais no processo de alfabetização e letramento, pois os gêneros textuais refletem o contexto social que as crianças estão inseridas e se apresentam como boas ferramentas para alfabetizar letrando. Vale Salientar o pensamento de Mendonça(2007,p.55): “Não se pode falar em gêneros sem considerar os processos de letramento; não se pode falar em letramento sem considerar os gêneros”.

Isto está de acordo com o que foi citado por Val(2007,p.21): “o trabalho com os gêneros não deve ser reduzido aos aspectos formais, uma vez que eles são determinados não só pela forma, mas também pela função, pelo suporte, pelo contexto em que circulam [...]”. Os gêneros que estão presentes na sociedade são inúmeros, e precisam ser compreendidos pelas crianças em seu aspecto social. Corroborando essa afirmativa, Cafiero(2005,p.09) relata que: “É preciso possuir, entre outras, habilidades de ler, compreender e usar textos presentes no nosso cotidiano, como notícias, editoriais, reportagens, poemas, artigos, contas de telefone, água e luz, bilhetes, cartas, e-mails, tabelas, quadros de horários, mapas etc.”

Além do uso de gêneros textuais, os professores alfabetizadores podem utilizar o alfabeto móvel como um recurso no processo de alfabetização e letramento. Acerca disto, Mansani(2017.p.01) relata que: “O alfabeto móvel facilita a identificação das letras e a escrita alfabética, e dão mais segurança aos alunos de testarem possibilidades para então escrever no caderno”. O uso do alfabeto móvel é muito comum nas salas de aulas, podendo ser utilizado em vários métodos de alfabetização, e apresenta-se como um bom recurso. No entanto, o professor deve saber mediar a atividade do alfabeto móvel para tirar o melhor proveito desse recurso.

Inferimos por meio dos teóricos aqui mencionados, que alfabetizar letrando não é uma tarefa simplista e não pode ser mecanizada, ela deve considerar a esfera social. Para isso, a teoria indica a relevância da formação de professores alfabetizadores, conforme Frade apud Mendes et al. (2005) os professores das classes alfabetizadoras devem ter uma boa formação, pois isso tem impacto no desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento. De acordo com Leal(2005,p.109): “alfabetizar é uma atividade complexa, que exige profissionalização, planejamento, conhecimentos de diversos tipos, e compromisso, sendo necessário, portanto, dedicarmo-nos ao estudo e ao desenvolvimento de nossas próprias capacidades”. Assim compreendemos que a formação continuada é necessária para que se consiga alfabetizar e letrar com qualidade, pois a tarefa de alfabetizar e letrar exige conhecimentos que vão além do letramento e alfabetização, exige uma sensibilidade e precisão de análise para verificar o nível, as necessidades e as potencialidades dos alunos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos objetivos da referida pesquisa analisou-se durante as observações em sala e as respectivas entrevistas com a professora regente e a coordenadora pedagógica, as práticas e os recursos utilizados com o objetivo de alfabetizar letrando e a formação de professores. Neste contexto,os resultados apontam para o uso de métodos sintéticos e analíticos na prática docente. Dentre os métodos sintéticos, verificamos a presença do método silábico em uma atividade mencionada pela professora regente como “ jogo de sílabas”. De acordo com os pressupostos teóricos do presente artigo, Frade (2005) afirma que o método silábico utiliza a sílaba como principal unidade para análise da relação entre unidade sonora e grafema.

No que se refere aos métodos analíticos, o método global destacou-se na prática da professora regente. Neste sentido, as atividades de alfabetização e letramento incluem o ensino de gêneros textuais e rodas de leitura, conforme o pensamento de Val(2007) é importante ler os gêneros textuais presentes na vida social compreendendo a função e seu alcance. Conforme a égide da teoria elencada neste artigo, Mendonça(2007) defende que não pode haver letramento sem considerar o ensino dos gêneros textuais. Portanto, inferimos a importância de trabalhar os gêneros textuais na sala de aula, para que se possa alfabetizar letrando.



Ainda sobre os gêneros textuais, Cafiero(2005) afirma que é importante ter habilidades de leitura, compreensão e escrita de textos que fazem parte do nosso cotidiano, tais como bilhetes, e-mails, poemas, artigos e entre outros. Deste modo, por meio das observações e entrevistas realizadas, além das atividades proeminentes dos livros didáticos constatamos atividades com cartazes contendo alguns gêneros textuais, tais como a bula, a receita e as cartas. Ademais, a atividade da roda de leitura realizada nas segundas-feiras para socializar a leitura de livros infantis apresentou-se como uma ótima atividade para desenvolver a compreensão leitora da turma analisada, pois de acordo com a concepção de Morais(2012), é possível realizar atividades de produção de textos e rodas de leituras, mesmo com a criança não-alfabetizada.

Entende-se, que os métodos analíticos partem da análise de textos para desenvolver a compreensão e promover a alfabetização e o letramento. Entretanto, a professora alfabetizadora utiliza métodos sintéticos para complementar e concretizar a aprendizagem, pois os métodos divergem conforme a aprendizagem da criança.

Sobre os recursos utilizados pela professora da turma pesquisada constatou-se que a maioria das práticas são apoiadas no material pedagógico, “Caminhos e Vivências”, que direciona a uma proposta voltada para a leitura e a escrita de textos, que são envolvidos em todas as disciplinas. A produção textual, análise de rimas, aliteraões, leitura silenciosa, o estudo dos gêneros são contemplados pelo material, o que possibilita o desenvolvimento de leitores e escritores autônomos. Vale salientar que durante as observações, o material correspondente ao período letivo em voga não estava sendo utilizado, haja vista que a sua chegada aconteceu tardiamente e a consequente distribuição após o período da pesquisa. A coordenação também ressaltou o uso do material fornecido pelo governo estadual, chamado SEFE (Sistema Educacional Família Escola), que é distribuído para toda a rede municipal e segundo os dados, propõe atividades enriquecedoras para alfabetizar que envolvem todas as áreas de conhecimento.

Além disso, a professora regente utiliza livros paradidáticos para a realização da roda de leitura, bem como gibis. Para essa atividade é necessário que as crianças leiam os livros escolhidos em casa, logo é essencial que a família estimule o gosto pela leitura. Neste contexto, vale destacar o pensamento de Morais (2012) acerca da importância de ter uma diversidade nas atividades de leitura e escrita, neste sentido o professor alfabetizador deve

propor durante todo o ensino fundamental uma significativa gama de atividades voltadas para o melhor desempenho dos alunos em leitura e escrita com autonomia. Infere-se, portanto, que a série avaliada corresponde a uma fase importante para a consolidação da alfabetização e letramento dos indivíduos.

Outro recurso utilizado pela professora regente é o alfabeto móvel, de acordo com o que fora mencionado anteriormente, para Mansani(2017) o alfabeto móvel promove uma maior segurança para a criança no processo de alfabetização e letramento. Ademais, esse tipo de recurso permite que as crianças possam se apropriar da leitura e escrita de maneira lúdica.

Por conseguinte, a referida pesquisa objetivou a verificação da formação continuada do professor alfabetizador, de maneira que foi questionado para a professora e para a coordenadora sobre a formação continuada ofertada. O objetivo principal foi verificar se esta formação é ofertada pela Secretaria de Educação do Município ou se acontece apenas por interesse individual do docente. Foi avaliado a partir das entrevistas que as formações são ofertadas pela secretaria, no entanto, a prefeitura não oferta materiais que possam enriquecer as formações. Ademais, verificou-se que os professores também buscam individualmente as formações para o aperfeiçoamento de suas metodologias. Ainda assim, o material SEFE utilizado pela escola realiza formações para professores, para a equipe gestora da escola e para a família. Percebe-se, portanto, que para a professora regente da turma e para a equipe pedagógica existem algumas possibilidades de formação continuada, desde as ofertadas pela secretaria, com poucos materiais ofertados pela prefeitura, a formação que resulta da busca particular do docente e, em destaque, a formação realizada pela editora do material pedagógico SEFE. A formação para o professor alfabetizador é de suma importância, pois de acordo com Frade apud Mendes et al. (2005) e Leal(2005), a boa formação é necessária para saber os métodos adequados a serem utilizados no processo de alfabetização e letramento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das visitas e das entrevistas realizadas no campo de pesquisa pôde-se analisar as práticas pedagógicas para alfabetizar e letrar os indivíduos, além de verificar como acontece a formação continuada do professor da sala locus da pesquisa. Quanto às práticas e o método para alfabetizar os alunos, infere-se que sob o olhar da professora entrevistada as atividades que propõem experiências com o concreto são bastante enriquecedoras para os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



alunos, visto que a maior parte de suas atividades para a apropriação da língua escrita e da leitura são utilizados materiais como alfabeto móvel, os cartazes, de maneira que os alunos tenham contato com o material de estudo. Quanto ao contato com a leitura foi percebido que as atividades que envolvem a leitura silenciosa e compartilhamento das interpretações do alunos estão presentes, tanto por propostas do próprio material didático, bem como as estratégias da professora que desenvolve um projeto de leitura em sala. Dessa maneira, verifica-se que para a professora regente a proximidade do aluno com o material e a familiarização são importantes para uma apropriação eficaz por parte do aluno. Diante disso, para a turma analisada a alfabetização e o letramento acontece por meio de propostas que desenvolvem as habilidades por intermédio do contato, não apenas visual, mas tátil, com as letras, pela ludicidade e as atividades de leitura, que permitem a formação de leitores e escritores autônomos. Foi possível avaliar, também, o olhar sensível que é buscado a partir do trabalho da coordenação pedagógica, já que é proposto que o professor observe de maneira sensível o desenvolvimento de cada aluno e possa fazer um trabalho eficiente a partir das especificidades dos alunos.

Acerca da formação continuada de professores, verificou-se que existem formações propostas pela Secretaria Municipal, no entanto de acordo com o relato da coordenadora, a própria secretaria não oferece subsídios suficientes para uma boa formação dos professores, o que debilita significativamente essa formação. No entanto, a busca pessoal por parte dos docentes por aperfeiçoamento de suas metodologias é uma realidade presente na escola analisada, especificamente para a professora da turma pesquisada, de maneira que possibilite a melhoria das metodologias utilizadas em sala. Além disso, o material disponibilizado pelo governo estadual para a alfabetização conta com uma coleção rica em conteúdos que possibilita não só a formação do aluno, mas que busca preparar o professor, a equipe pedagógica e os familiares por meio da promoção de palestras e a distribuição de materiais que proporcionem esse relacionamento entre os protagonistas do processo educacional. Contudo, percebe-se que é necessário que a Secretaria de Educação esteja presente também na formação de professores de modo mais eficaz, de maneira a promover formações com qualidade e que incentivem as práticas que considerem o aluno como um indivíduo ativo e que sinalizem a importância de que cada indivíduo tenha a possibilidade de ser alfabetizado e letrado na idade certa.

Diante do exposto é possível ter uma breve noção acerca da complexidade do processo de alfabetizar e letrar, pois envolve as interações entre professor alfabetizador, criança, escola e família e as especificidades da aprendizagem. Portanto é um trabalho que necessita de uma gama de conhecimentos, capacidade de adaptar os conteúdos e uma formação contínua do professor alfabetizador.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo**:: caderno do formador. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (ceale). Faculdade de Educação da UFMG, 2005. 68 p.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: **Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.47-70.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. (CAPÍTULO. I). In: **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de Alfabetização**: História, características e modos de fazer de professores. Belo Horizonte: Ceale/fae/ufmg, 2005. 72 p.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Org.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MANSANI, Mara. A alfabetização da vida real: quando um aluno avança e outro recua. In: Associação Nova Escola. **Blog da alfabetização**. São Paulo, 11 Jul.2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2EOKJ0h>>, Acesso em: Mai.2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010. xvi, 297 p.

MENDES, Conrado et al. Perfil dos alfabetizadores no Brasil. **Letra A**, Belo Horizonte, n.04,ano 01, p. 06-09, out/nov.2005.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: por onde anda o letramento. In: Carmi Ferraz Santos; Márcia Mendonça. (Org.) **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.37-56.

MORAIS, Artur Gomes. Revisão de Antigas Formas de Alfabetizar (cap.I). In: **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. p. 19-42.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, [s.i.], v. 29,n.1,p.96-100,abr.2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2VqdjeK>>, Acesso em: Jul,2019.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado?. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006. p. 18-23.

VAL, Maria da Graça Costa et al. **Produção escrita: trabalhando com gêneros textuais**. Belo Horizonte: Ceale/fae/ufmg, 2007. 60 p.